

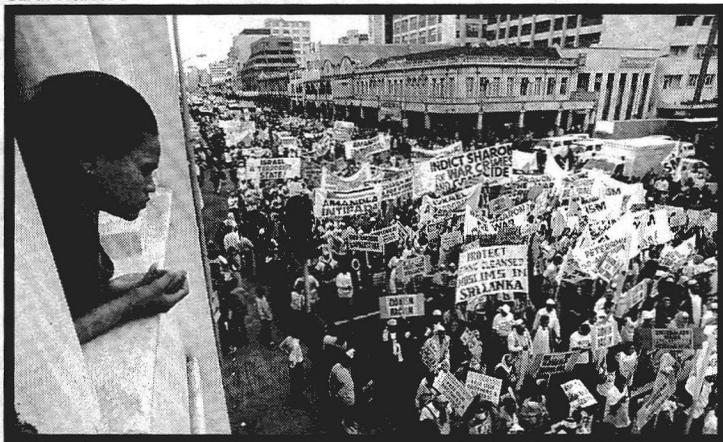
Babel de desvalidos da globalização

Durban — Durban é hoje a grande babel dos desvalidos da globalização, dos povos que ficaram de fora do fechadíssimo clube G-8 (os sete países mais ricos do mundo e a Rússia). A cidade transformou-se na capital da globalização dos ex-escravos africanos, das vítimas do genocídio da Aids, das guerras étnicas, das contradições dos miseráveis do Terceiro Mundo.

Paralelamente à cúpula oficial, Durban sedia a Conferência Mundial de ONGs contra o racismo, a intolerância e a xenofobia. Cerca de 2 mil organizações enviaram delegados (quase 100 do Brasil — a CUT enviou 20 delegados e a Fundação Palmares apoiou financeiramente outras 10 ONGs).

O superestádio Natal Cricket — um esporte bem popular por aqui — vive dias de colorida glória. Em 15 tendas debate-se (quase) tudo, sempre pichando-se a arrogância política e econômica do governo do presidente americano George W. Bush e seus alia-

Garth Stead / AP



SUL-AFRICANA OBSERVA DIVERSOS TIPOS DE MANIFESTANTES EM DURBAN

dos no processo de globalização.

Remanescentes de tribos zulus dançam ritualisticamente na entrada do estádio; uma passeata de palestinos ameaça as ONGs judias vítimas do nazismo; etnias indianas saem no sopapo por causa de questões internas. A polícia tem de intervir de vez em quando para apartar brigas. Gays, lésbicas, re-

fugiados lutam por espaço. O líder do Sopa — Partido Socialista pela Unificação da África —, deputado Lybon Mabasa, lidera manifestações diárias contra o genocídio da Aids e das guerras civis na África. Tudo isso no mesmo ambiente, um estádio do tamanho do Mané Garrincha — uma verdadeira panela de pressão. (LT)